

# HOTnews14

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL JUL'17

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DO JAZZ PORTUGUÊS

O FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS E OS LEGADOS DO HCP

OS PEQUENINOS DO JAZZ  
ATELIER DE INICIAÇÃO AO JAZZ

PARTIDA, LARGADA, FUGIDA  
2 PERGUNTAS A CAMILA REIS

---

MATINE@HCP

MARIA JOÃO  
CORACÃO, MEMÓRIA, INTELLECTO E ENTRANHAS  
ESPÓLIO LUIZ VILLAS-BOAS  
ÚLTIMAS PALAVRAS SEM MÚSICA

---

# HCP JULHO AGOSTO'17

## JULHO

### 1 SÁBADO QUINTETO DE JOSÉ MENEZES

JOSÉ MENEZES sax ten, sop  
ANTÓNIO PINTO guitar  
OSCAR GRAÇA piano  
ANDRÉ ROSINHA ctb  
RUI PEREIRA bat

### 6 QUINTA BE/USA/GER/NL/PT SPINIFEX

BART MARIS tp  
JOHN DIKEMAN sax ten  
TOBIAS KLEIN sax a  
JASPER STADHOUDERS guitar  
GONÇALO ALMEIDA bx  
PHILIPP MOSER bat

### 7/8 SEXTA E SÁBADO FR/PT ROMAIN PILON TRIO

ROMAIN PILON guitar  
ROMEU TRISTÃO ctb  
JOÃO PEREIRA bat

### 12 QUARTA ENTRADA LIVRE Recitais de alunos finalistas da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas

### 13/14/15 PT/ESP/USA QUINTA A SÁBADO HCP GONÇALO LEONARDO 4TET

ANDRÉ MATOS guitar  
YAGO VAZQUEZ piano  
GONÇALO LEONARDO ctb  
TOMMY CRANE bat  
*apresentação do CD "East 97th"*

### 19 QUARTA PT/USA ANDRÉ SANTOS "Vitamina D"

ANDRÉ SANTOS guitar  
MATT ADOMEIT ctb  
TRISTAN RENFROW bat

### 20/21 QUINTA E SEXTA UM QUARTETO

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA piano  
RICARDO TOSCANO sax a  
MÁRIO FRANCO ctb  
JOÃO PEREIRA bat

### 22 SÁBADO DUO AR 22H30 MARIA JOÃO voz SÉRGIO CAROLINO tuba, electrónica

**DUO TUBAX** 24H00  
MÁRIO MARQUES saxs  
SÉRGIO CAROLINO tuba, electrónica  
*apresentação do CD "Tubax"*

### 27/28/29 QUINTA A SÁBADO PT/JP SARA SERPA TRIO

SARA SERPA voz  
MASA KAMAGUCHI ctb  
BRUNO PEDROSO bat (DIAS 27 E 28)  
ANDRÉ MATOS guitar (DIA 29)

## AGOSTO

### 2 QUARTA NL/JP BOI AKIH "Liquid Songs"

MONICA AKIHARY voz  
RYOKO IMAI percussão  
NIELS BROUWER guitar, electrónica

### 3/4/5 QUINTA A SÁBADO USA/PT MICHAEL LAUREN "All Stars"

MICHAEL LAUREN bat  
HUGO ALVES tp  
JOSÉ MENEZES sax ten  
JEFFERY DAVIS vibrafone  
NUNO FERREIRA guitar  
DIOGO VIDA piano  
CARLOS BARRETTO ctb

### 9/10/11 QUARTA A SEXTA PT/CH JPES TRIO

JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA piano  
MÁRIO FRANCO ctb  
SAMUEL ROHRER bat

JULHO  
4, 11, 18, 25  
TERÇAS-FEIRAS

**JAM-SESSION**  
com Romeu Tristão  
(ctb)

## À Família de Maria Helena Villas-Boas

*Sabe-se bem que o Luiz Villas-Boas tinha dois amores: o jazz e a Maria Helena. Também se sabe, ou eu sei porque convivi muito de perto — não com eles mas com as suas coisas (quando da organização do Espólio do Luiz) —, que esse amor não era sempre pacífico. Acredito que só uma mulher com inteligência, persistência e mesmo alguma teimosia é capaz de partilhar o seu amor com outra paixão.*

*Ao lado do homem famoso do jazz português esteve sempre uma mulher que não teria o mesmo amor a esta música, mas que só podia vibrar com a energia que o Luiz Villas-Boas emanava e, quem sabe, a temperava com algum bom senso e cautela.*

*A esta mulher, de quem agora nos despedimos, quero em nome do Hot Clube, agradecer a constância, fidelidade, e a muita paciência com que apoiou o nascimento, crescimento e afirmação deste Clube, que quase 70 anos depois é reconhecido como um dos dez melhores da Europa.*

*Como vê, Maria Helena, valeu a pena.*

*Com um abraço já de saudades,*

### Inês Homem Cunha

Carta escrita em nome da Direcção do Hot por ocasião da sua morte a 9 de fevereiro de 2017. A família da Maria Helena Villas-Boas entregou entretanto ao Hot Clube mais fotografias, discos, bobines magnéticas, livros e outros documentos para que sejam inventariados e integrem a colecção Luiz Villas-Boas no Núcleo Museológico do Hot Clube. Obrigada!

**1948 — 2018**  
**70 ANOS**

A próxima HotNews, será uma edição especial, celebrando os 70 anos do Hot Clube de Portugal. Uma edição alargada, num formato mais extenso, com notícias novas e histórias antigas. O número 15 desta publicação, baseada na teimosia de uns quantos membros da direcção, e nas colaborações fundamentais de vários amigos do Clube, celebra não só a longevidade desta associação, mas sobretudo a sua própria essência.

**Vai ser um número para ler e guardar.**

4

O FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS E OS LEGADOS DO HOT CLUBE DE PORTUGAL

6

MATINE@HOTCLUBE

7

MARIA JOÃO  
CORACÃO, MEMÓRIA, INTELLECTO E ENTRANHAS

8

ESPÓLIO LUIZ VILLAS-BOAS  
CONCLUSÃO DO PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS GRÁFICOS, FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS

10

OS PEQUENINOS DO JAZZ  
ATELIER DE INICIAÇÃO AO JAZZ

11

PARTIDA, LARGADA, FUGIDA  
2 PERGUNTAS A CAMILA REIS

12

ÚLTIMAS PALAVRAS  
SEM MÚSICA II  
JORGE REIS

13

QUE AMPLIFICADOR DE GUITARRA ESCOLHER? SOM DE VÁLVULAS, TRANSÍSTORES OU DIRECTO?  
ANDRÉ PRISTA

14

OIÇAM LÁ ISTO  
AS ESCOLHAS DE...

15

POST-IT  
MEMÓRIAS DO HCP

# HOTnews 14

JULHO 2017

Direcção Inês Cunha / Colaboram neste número Inês Cunha, Luís Hilário, Regina Eufémia Rocha, Luís Guilherme Cunha, André Santos, Bruno Santos, Camila Reis, André Prista, Demian Cabaud, Pedro Roxo, Miguel Lourenço e Paulo Gil / Design gráfico / paginação / revisão © HOTdog / Capa Maria Helena e Luiz Villas-Boas, 1983 ©Eduardo Gajeiro / Produção Luis Guilherme Cunha **HOT CLUBE DE PORTUGAL** Presidente da Mesa da Assembleia Geral Bernardo Moreira / Presidente do Conselho Directivo Inês Cunha / Presidente do Conselho Fiscal José Sousa Soares / SEDE Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305 — **ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** Director pedagógico Bruno Santos **MORADA** Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740 / Fax 213 619 748

A HOTNEWS É ESCRITA DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA OU DE ACORDO COM A OPÇÃO DE CADA AUTOR.

A INFORMAÇÃO E COMENTÁRIOS INCLuíDOS NOS CONTEÚDOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO INTEIRAMENTE DA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.



INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA  
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001  
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA  
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA  
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES  
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO  
OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

WWW.HCP.PT  
HCP@HCP.PT  
WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL

**NOTA:**  
O ARTIGO DA PÁG. 13  
[DE ANDRÉ PRISTA]  
SAIU INCOMPLETO  
NA EDIÇÃO IMPRESSA.  
AQUI ENCONTRA  
A VERSÃO TOTAL.  
PEDIMOS DESCULPA  
PELO LAPSO TÉCNICO  
AO AUTOR E AOS  
LEITORES.

# O FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS E OS LEGADOS DO HOT CLUBE DE PORTUGAL

por Regina Eufémia Rocha

Dentro do edifício da escola da *Escola de Jazz Luiz Villas-Boas*, existe uma sala onde não se tocam instrumentos, mas se guardam histórias e história. De nome “Sala Luiz Villas-Boas”, ali se conserva o *Arquivo Histórico do Hot Clube de Portugal*, que incorpora o espólio deste crítico e promotor de jazz em Portugal, bem como o espólio dos irmãos Augusto e Ivo Mayer, e o espólio *Cascais/Jazz/Sojazz*, entre outras doações. Este último alberga grande parte da documentação relativa à organização do Festival Internacional de Jazz de Cascais (FIJC), com informação sobre os processos logísticos do evento, facturação, correspondência recebida e expedida, músicos, contratos, cartazes e programas, publicidade, patrocínios, várias compilações de recortes de imprensa escrita sobre o festival, entre outro tipo de documentação. No decurso do projecto de investigação *Jazz em Portugal: os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal*, que funcionou numa parceria entre o Hot Clube de Portugal (HCP), a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e o Instituto de Etnomusicologia (INET-md) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), de entre outros trabalhos desenvolvidos, o espólio *Cascais/Jazz/Sojazz* foi, na sua totalidade, catalogado num total de cento e cinquenta e seis unidades de instalação, sem contar com os cartazes, os programas e as fotografias, que foram catalogados à parte.

O *Festival Internacional de Jazz de Cascais* foi um evento realizado continuamente entre 1971 e 1988, contando ainda com uma edição comemorativa de homenagem a Luiz Villas-Boas, em 2009. As dez primeiras edições do evento tiveram lugar no Pavilhão dos Desportos de Cascais, comumente conhecido como Dramático de Cascais. Entre 1981 e 1984, o evento foi transferido para o Pavilhão dos Salesianos, no Estoril e, nas edições que se seguiram, para o Parque de Palmela, em Cascais. A organização do festival foi protagonizada por Luiz Villas-Boas, juntamente com o fadista João Braga e Hugo Mendes Lourenço na primeira edição, Carlos Cruz na segunda edição, e Duarte Mendonça nas edições seguintes.

O cartaz contou com alguns dos músicos da *tournee* do Newport Jazz Festival na Europa, um festival originário de Newport, Rhode Island, nos Estados Unidos, fundado pelo casal Louis e Elaine Lorillard em conjunto com o promotor George Wein. Para tal foram imprescindíveis as ligações que Luiz Villas-Boas mantinha com Wein, pelo menos desde 1958, quando o norte-Americano se deslocou ao Hot Clube de Portugal, juntamente com o trombonista Marshall Brown, para seleccionar um músico para integrar a International Youth Band



(Martins 2006, p. 193; SANTOS 2007, p. 34; WEIN 2003, p. 184). Mas, além de sonantes nomes do jazz internacional, como Miles Davis, Thelonious Monk, Art Blakey, Dizzy Gillespie, Phil Woods, Duke Ellington, Roland Kirk, Sarah Vaughan, Charles Tolliver, Sonny Stitt, Charles Mingus, Gil Evans, Dexter Gordon, entre muitos outros, o Festival Internacional de Jazz de Cascais, contribuiu ainda para o impulsionar da carreira de músicos nacionais como Rão Kyao, que tocou a solo e com o grupo The Bridge e o Sexteto Status, Jorge Lima Barreto, o grupo Plexus, os Araripa, António Pinho Vargas, entre outros.

Apesar de terem existido tentativas anteriores para a realização de festivais de jazz com músicos internacionais, foi durante o período de suposta liberalização do Estado Novo (perspectiva que pairou após a nomeação de Marcelo Caetano para a presidência do Conselho de Ministros) que o festival teve o seu advento, em Novembro de 1971. O FIJC foi contemporâneo das profundas alterações sociopolíticas que caracterizaram as décadas de 1970 e 1980 em Portugal. O evento foi contemporâneo de todo o processo revolucionário conducente à revolução de 25 de Abril de 1974, e consequente contra-revolução, bem como, posteriormente, de todo o processo de transição e estabelecimento da democracia, das intervenções do Fundo Monetário Internacional, ou, uma década mais tarde, da entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia (CEE), etc.

O Cascais Jazz<sup>1</sup> representou uma certa contracção do fosso sócio-cultural que existia em Portugal. A sua realização contribuiu para a construção de percepções em torno do jazz, bem como para a prática desta música em Portugal, pelo que é muitas vezes descrito como um marco importante. O evento permitiu o contacto ao vivo com as tendências de alguns dos maiores nomes do Jazz internacional, impulsionando o debate em torno daquilo que se entendia, ou não, como Jazz (à semelhança do que acontecia internacionalmente), bem como influenciando em certa medida o percurso dos músicos nacionais e o consumo fonográfico deste estilo de música em Portugal, nas décadas de 1970 e 1980.

Por outro lado, alguns dos eventos associados a este festival, contribuíram para que ele adquirisse desde cedo determinadas conotações políticas. Em 1971, Charlie Haden, o contrabaixista norte-Americano que no primeiro dia de festival tocou com Ornette Coleman, contribuiu para vincular essas percepções do evento, ao declarar o tema *Songs for Che* (em analogia a Ernesto “Che”



Fotografias pertencentes ao Núcleo Museológico do Hot Clube. Infelizmente, muitas das fotografias que integram a nossa coleção não apresentam informação sobre o autor, pelo que, como é o caso destas duas, não podemos acrescentar o crédito respectivo. [Se nos puder ajudar neste processo por favor mande mail para [hcp@hcp.pt](mailto:hcp@hcp.pt)]

Guevara) aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique e Guiné. No contexto socio-político nacional que, embora em clima de “abertura”, se mantinha muito pouco alterado quanto à liberdade de imprensa ou à liberdade de expressão, bem como persistia com as políticas colonialistas e a Guerra Colonial, a declaração de Haden fez desencadear uma série de gritos e aplausos por parte de alguns membros do público. No contexto da época, este episódio foi percebido pelos agentes da PIDE-DGS que detiveram e interrogaram o músico, como uma “grande manifestação contra a guerra colonial”, tal como descrito no boletim com o noticiário confidencial desta instituição (PT-ANTT-PIDE/DGS). E, em 1973, de acordo com a correspondência enviada pelo Comando-Geral da PSP e o gabinete do Secretário de Estado da Informação e Turismo, durante o último dia de festival foram distribuídos panfletos com o título “A música agora é o jazz...” e desdobrados dois cartazes com o texto “Abaixo a Guerra Colonial” e “Guiné Livre” (Cruz e Rosa 1974).

Muitos dos discursos de críticos, promotores, aficionados e académicos, que contribuíram para a construção da percepção e prática do Jazz em Portugal, foram marcados pela incorporação das características reivindicativas e contestatárias desta música nas suas interpretações do Cascais Jazz (CRAVINHO 2011; 2012 e 2016; SANTOS 2009, DUARTE 2013 in VILELA et al. 2014). Embora não se pretenda negar esta capacidade de o jazz ter, em algum momento, funcionado como forma de contestação em Portugal, pretende-se alertar para a possibilidade de se explorarem as dimensões dessa capacidade de forma mais ampla.

O estudo mais profundo do espólio *CascaisJazz/Sojazz* contribuiu para concluir que as percepções do jazz e do FIJC como metáfora de luta, liberdade e contestação, que alguns indivíduos assumiram, não devem ser analisadas apenas tendo em conta o cenário político-social português. Ainda que este seja sobremaneira indispensável, importa ainda ter em conta: a emergência de uma nova mentalidade no pós-II Guerra Mundial; as novas realidades geopolíticas; a reconstrução Europeia e os primeiros passos para a CEE; a Guerra Fria; os processos de descolonização; os movimentos de libertação dos povos de África e Ásia; etc. A dialogia entre a documentação deste espólio com estes e outros assuntos, permitiram a construção de novas perspectivas sobre

o Cascais Jazz, que resultaram na dissertação de mestrado com o título provisório *Cascais para Portugal como Newport para os Estados Unidos: O Festival Internacional de Jazz de Cascais na Década de 1970*.

A documentação do *Arquivo Histórico do Hot Clube de Portugal*, tem permitido que se amplie o conhecimento sobre o Festival Internacional de Jazz de Cascais, bem como tem contribuído para a construção das percepções e da prática do jazz em Portugal nas décadas de 1970 e 1980. O trabalho desenvolvido no âmbito do projecto de investigação *Jazz em Portugal: os legados de Luiz Vilas Boas e do Hot Clube de Portugal*, a partir do supramencionado arquivo do HCP, tem contribuído sobremaneira para o estudo e conhecimento da história do jazz em Portugal para lá do Cascais Jazz. A preservação e conservação desta documentação, que não se esgota no suporte papel, mas se estende a várias fitas magnéticas e discos, bem como a agilização de mecanismos para o acesso à consulta pública dos mesmos, são fundamentais para que cada vez se construa um conhecimento mais amplo e fundamentado sobre o assunto. O Hot Clube de Portugal guarda em si uma parte significativa da história do jazz em Portugal, em sentido figurado e literal, mas essa não é uma história só sua, é uma história de e para todos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CRAVINHO, P. (2011). “Gosto de Jazz Porque Gosto da Verdade”: O Clube Universitário de Jazz, a contestação e o discurso alternativo ao meio “jazzístico” em Portugal, entre 1958 e 1961. Performa '11 – Encontros de Investigação em Performance Universidade de Aveiro .
- CRAVINHO, P. (2012). “A música agora é o jazz”: O jazz como palco de resistência em Portugal, entre 1971 e 1973. In M. SANTOS (coord.), & M. LESSA, Música, Discurso e Poder (pp. 157-172). Braga: Universidade do Minho/ Centro de Estudos Humanísticos.
- CRAVINHO, P. (2016). “A Kind of ‘in-between’: Jazz and Politics in Portugal (1958 – 1974). In B. Johnson (ed.), *Jazz and Totalitarianism*. New York: Routledge.
- CRUZ, Antonino e ROSA, Vitoriano. *As mentiras de Marcello Caetano*. Lisboa: Agência Portuguesa de Revistas , 1974.
- SANTOS, J. M. (2007). *O Jazz Segundo Villas-Boas*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- SANTOS, J. M. (2009). *Jazz em Cascais: Uma História de 80 Anos*. Cascais: Casa Sassetti.
- VILELA, Joana Stichini, and et al. (2014). *LX70 - Lisboa do Sonho à Realidade*. Lisboa: Dom Quixote.
- WEIN, G. (2003). *Myself Among Others* . Cambridge: Da Capo Press.

#### DOCUMENTAÇÃO DE ARQUIVO

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo: PT-ANTT-PIDE/DGS – Proc. 690-CI (2)/Pasta 42.  
Arquivo Histórico do Hot Clube de Portugal/ Espólio CascaisJazz/Sojazz: PT-HCP-CJSJ-Ma-001- 156.

[Este texto não obedece ao acordo ortográfico em vigor]

<sup>1</sup> Cascais Jazz é uma designação muitas vezes adoptada em referência ao Festival Internacional de Jazz de Cascais. Mas também diz respeito à entidade que, além deste evento, organizou outros concertos e festivais em vários pontos do país e que, mais tarde, adquiriu a designação de Sojazz.

# MATINE@ HOTCLUBE

por **Luís Guilherme Cunha**

“As coisas acontecem quando têm que acontecer”, escreveu Inês Cunha em 2014 sobre a criação da etiqueta discográfica @HOTCLUBE, precisamente na apresentação do primeiro trabalho da label do Hot, *Just In Time*.

Já passaram 3 anos e queríamos recordar o que foi feito, de Abril de 2014 até agora.

O Dia Internacional do Jazz, 30 de Abril, seria a data óbvia, mas como “as coisas acontecem quando têm que acontecer” a ideia antiga de receber no Hot Clube todos os membros da família, viu a luz do dia e o evento da label @HOTCLUBE rapidamente se transformou numa matiné para todos.

Entre as 15h e as 00h passaram pelo Clube as formações com discos editados @HOTCLUBE, *Just In Time*, Septeto do Hot Clube de Portugal, Orquestra de Jazz do Hot Clube de Portugal e Dixie Gang a comemorar 25 anos com o disco *Um Quarto de Século* apresentado nesta matiné, dentro e fora do Clube. Também participaram nesta festa combos do Curso Regular e do Atelier de Iniciação ao Jazz da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas.

A ideia de uma tarde para toda a família revelou-se um sucesso, pais, filhos, avós, todos apareceram para ouvir jazz numa tarde quente de primavera.



## JUST IN TIME

PAULA OLIVEIRA VOZ  
BARROS VELOSO PIANO  
BERNARDO MOREIRA  
CONTRABAIXO  
MANUEL JORGE VELOSO  
BATERIA

## 7to Hot Clube de Portugal vol.2



## 7to Hot Clube de Portugal - Vol. 2

BRUNO SANTOS GUITARRA E  
DIRECÇÃO MUSICAL  
JOANA MACHADO VOZ  
JOÃO MOREIRA TROMPETE  
PEDRO MOREIRA  
SAXOFONE TENOR  
RICARDO TOSCANO SAXOFONE  
ROMEU TRISTÃO CONTRABAIXO  
E BAIXO ELÉCTRICO  
JOÃO PEREIRA BATERIA

## ORQUESTRA DO HOTCLUBE DE PORTUGAL A MÚSICA DE ANTÓNIO PINHO VARGAS



## A Dança dos Pássaros

A MÚSICA DE ANTÓNIO PINHO  
VARGAS COM A ORQUESTRA DO  
HOT CLUBE DE PORTUGAL

JOÃO MORTÁGUA, JOSÉ SOARES,  
CÉSAR CARDOSO, MATEJA DOLSAK,  
PAULO GASPAR, XAVIER RIBEIRO,  
JOÃO GOMES, RÚBEN DA LUZ,  
RUI BANDEIRA, DIOGO PEDRO,  
RICARDO CARVALHO, JOÃO  
ALMEIDA, JOHANNES KRIEGER, NUNO  
COSTA, ÓSCAR GRAÇA, FRANCISCO  
BRITO E PEDRO FELGAR



## Um quarto do século DIXIE GANG

JOÃO VIANA CORNETIM  
CLAUS NYMARK TROMBONE  
PAULO GASPAR CLARINETE  
GIL GONÇALVES TUBA  
DAVID RODRIGUES PIANO  
SILAS OLIVEIRA BANJO  
RUI ALVES BATERIA



# MARIA JOÃO

## CORAÇÃO, MEMÓRIA, INTELECTO E ENTRA- NHAS

por André Santos

[Entrevista com Maria João em Junho de 2013]

**Antes de mais fala-me um pouco de ti, do teu percurso e dos momentos que mais te marcaram até hoje.**

Eu aprendi a cantar praticando Aikido, pertenço à escola do Mestre Georges Stobbaerts desde miúda! Também estive uns meses na escola do Hot, onde conheci tudo, música e músicos, ouvia discos que me ofereciam e ia aos concertos, mas onde aprendi o meu instrumento foi verdadeiramente através da prática de Aikido. Todos os momentos em que faço música são importantes e marcantes, todos!

**Que mensagem ou sensações tentas passar na tua música?**

Não tento passar nenhuma mensagem, faço apenas a música que eu amo à minha maneira.

**Que qualidades admiras num músico e o que é que define para ti um bom músico?**

Um bom músico é quem faz a sua música com coração, memória, intelecto e entranhas.

**No Jazz, e não só, fala-se muito em respeitar a tradição. Que importância dás ao que se passou para trás? Achas que se respeita a tradição hoje em dia?**

A memória é muito importante para haver hoje na música, foi preciso haver ontem e é preciso haver amanhã.

**Ainda em relação à tradição, que corrente mais te influenciou e que discos e músicos foram uma inspiração para ti? E actualmente, que músicos te inspiram? E coisas extra-musicais que sirvam de inspiração?**

Toda a gente foi e continua a ser uma inspiração, mas sobretudo os sons à nossa volta, tudo o que se passa, as melodias e ritmos constantes todos os dias em todo o lado.

**Que importância dás ao estudo? Praticaste muito enquanto estudante? Que conteúdos tinham mais ênfase na tua rotina diária? E hoje em dia o que é que praticas?**

Sim, eu canto todos os dias. Às vezes também na rua, balneário, supermercado, praia, avião... Este é o meu estudo, estou sempre disponível e à escuta.



**Tiveste ou tens aqueles fantasmas de 'deveria ter estudado o músico x ou o conteúdo y? Como contrarias isso?**

Não.

**Muitas vezes a questão da técnica do instrumento é confundida com número de notas por segundo. O que é para ti a técnica do instrumento?**

Técnica é a experiência que vais adquirindo, é o teu conhecimento do teu instrumento, que vamos aperfeiçoando com o tempo.

**E som do instrumento? Que idealizas para o teu som?**

Procurar todos os sons é preciso.

**Ficas nervosa quando entras em palco?**

Fico seeeeeempre nervosa, sempre! Não há remédio. (risos)

**E tens ou já tiveste pensamentos parasitas que podem influenciar a tua prestação em palco? Do género O que é que estou aqui a fazer?! O público não se cala?? ou Está ali a pessoa X na plateia, tenho de tocar bem!. Como dás a volta?**

Não, só se falarem alto no público. Aí fico mesmo fula e então peço: por favor poderiam ter a gentileza de calar as vossas bocas e depois digo, menos gentilmente, um grande e gordo SHIIIIIIUUUUU, e se mesmo assim não se calarem, então parto para a violência. (risos)  
*Just kidding!!*

**Ouves rádio?**

Ouçó sim, no carro.

**Interessa-te a música que se faz em Portugal? Qual a tua opinião acerca disso?**

Este país tão pequenito está recheado de músicos maravilhosos que fazem a sua música, muitas vezes, contra ventos e chuvadas. São muito importantes para mim, são uma inspiração e um orgulho constantes.

# ESPÓLIO LUIZ VILLAS-BOAS

## CONCLUSÃO DO PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS GRÁFICOS, FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS

por Pedro Roxo / Miguel Lourenço



No passado mês de Maio chegaram boas notícias para o Arquivo Histórico do Hot Clube de Portugal (HCP): foi concluído o processo de digitalização dos documentos gráficos, fotográficos e audiovisuais seleccionados do espólio Luiz Villas-Boas (LVB). Esta vertente de trabalho foi iniciada em Agosto de 2015 e é ainda resultante do projecto *Jazz em Portugal: Os legados de Luís Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal* (FCSH/UNL/INET-MD\_PTDC/EAT-MMU/121834/2010).

A empresa LUPA, do fotógrafo Luís Pavão, procedeu à digitalização de 170 fotografias datadas entre 1950 e 1970 (algumas da autoria de Augusto Mayer), que se juntam às 380 fotografias que já haviam sido digitalizadas. Todas estas provas fotográficas P&B pertencem ao conjunto de mais de 600 fotografias que foram catalogadas em detalhe no decorrer do projecto. Foi também digitalizado um conjunto de 70 cartazes relativos a eventos musicais organizados em Portugal, maioritariamente de jazz, colectados por LVB entre 1940 e 1970. Anteriormente também já haviam sido digitalizados na LUPA a totalidade dos programas de concerto e cartazes relativos ao fundo documental do Cascais Jazz/ Sojazz. Já o Arquivo fonográfico de Viena (*Phonogrammarchiv of the Austrian Academy of Sciences*) foi responsável pela digitalização de 157 bobinas de fita magnética áudio e 13 documentos audiovisuais (vídeos e filmes de 8 e 16mm) que, na sua maioria, correspondem a gravações pessoais de LVB. Nos suportes áudio haverá gravações fonográficas (cópias de discos?) e de programas de rádio e da televisão, mas também gravações amadoras efectuadas em casas de Fado e no Hot Clube de Portugal durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. Aos suportes audiovisuais correspondem também gravações pessoais de várias viagens que LVB realizou (Moscou, Newport Jazz Festival, etc.). Ainda não foi possível estudar e analisar estes conteúdos em profundidade dado que só agora foram tornados acessíveis, mas haverá com certeza informação inédita para o estudo do Jazz em Portugal. Na verdade, este conjunto constitui um importante contributo para a compreensão não apenas das actividades do HCP no que concerne à prática do jazz no período referido, como também para uma compreensão das práticas da música popular de uma forma



## DE ACORDO COM NADJA WALLASZKOVITS, RESPONSÁVEL DO ARQUIVO FONOGRAFICO DE VIENA, TODO O PROCESSO DE DIGITALIZAÇÃO ÁUDIO FOI EXTREMAMENTE PROBLEMÁTICO E DELICADO, DADO TRATAR-SE DE UM CONJUNTO DE FITAS COM ALGUMAS DÉCADAS (ALGUMAS COM MAIS DE 60 ANOS)



alargada, na medida em que as gravações incluem também, a título de exemplo, materiais relativos a várias tipologias musicais e às actividades editoriais de LVB. De acordo com Nadja Wallaszkovits, responsável do Arquivo Fonográfico de Viena, todo o processo de digitalização áudio foi extremamente problemático e delicado, dado tratar-se de um conjunto de fitas com algumas décadas (algumas com mais de 60 anos), com grande variabilidade de requisitos de reprodução e de estado de conservação. Daí que o processo de digitalização tenha sido mais demorado do que o expectável. Todavia, o resultado final é bastante entusiasmante. O quase 1 TB de informação digital correspondente ao conteúdo destas fitas permite antever a possibilidade de algumas surpresas no que concerne à compreensão do espólio, agora com a possibilidade de se tornar acessível, e a promessa de muito trabalho de investigação a desenvolver no futuro. Além disso, esta documentação em muito poderá fortalecer um projecto realmente sério de constituição de uma futura Casa do Jazz, obviamente levando também em consideração o restante material do Arquivo Histórico do Hot Clube de Portugal, uma parte dele já substancialmente catalogado ao abrigo do projecto *Jazz em Portugal: Os legados de Luiz Villas-Boas e do Hot Clube de Portugal*. Lembramos que, dos vários resultados deste projecto, alguns estão já concluídos ou em fase de finalização - além da catalogação e de digitalização de materiais vários (fitas magnéticas áudio, vídeos Betamax e VHS, filmes em formato 8mm, 16mm) e da publicação de quatro artigos em publicações académicas estrangeiras com *peer-review*, estão já finalizadas três teses de mestrado, duas em processo de constituição de defesa pública e uma já defendida e publicada em repositório de acesso livre, relacionada com a pedagogia do Jazz em Portugal nas décadas de 1970 e de 1980 a partir do estudo da (então) Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal (conferir em: [run.unl.pt/handle/10362/18694](http://run.unl.pt/handle/10362/18694)).

Ainda no final deste ano ou no início de 2018, está previsto tornar acessível *online* uma parte da base de dados do Arquivo Histórico do HCP a partir da catalogação e descrição desenvolvida ao abrigo do projecto acima indicado.

2. PORMENOR DA DESEMBALAGEM DAS FITAS MAGNÉTICAS NO INSTITUTO DE ETNOMUSICOLOGIA DA FCSH-UNL

3. FITAS MAGNÉTICAS PRESTES NOVAMENTE A DAR ENTRADA NO ARQUIVO HISTÓRICO DO HOT CLUBE DE PORTUGAL - ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS, ALCÂNTARA.

4. PORMENOR DE ALGUMAS DAS FITAS DIGITALIZADAS PELO ARQUIVO FONOGRAFICO DE VIENA.

# OS PEQUENINOS DO JAZZ

por Bruno Santos

© DIOGO COSTA VALENÇA



É já um dos grupos do Hot Clube com mais internacionalizações, de sempre! Depois do Japão, a Noruega. E já se fala na Dinamarca e outra vez Noruega. E talvez Sécia. Tudo isto antes do ano acabar. Imparáveis!

Como consequência da nossa forte aposta nos pequeninos do jazz, do nosso Atelier de Iniciação ao Jazz (AIJ), decidimos que este ano seria um grupo do AIJ a representar a escola na Festa do Jazz, que decorre anualmente, no São Luiz Teatro Municipal.

Eram os mais novos mas também os mais destemidos. Acho que nesta idade ainda não acusam pressão ou responsabilidade, apenas entusiasmo por ver uma sala cheia, eufórica, a vibrar com cada nota que tocavam. E não vacilam, encaram de frente a plateia. Curiosos. E curiosidade fez com que derrapassem uma ou outra vez. Nada de mal com isso!

A Margarida Campelo e o Gonçalo Marques, patrão do atelier, ensaiaram os meninos e a menina. Não é coisa fácil. Nestas idades perdem o foco com facilidade. Normal e natural. Mas dão-nos outras coisas enquanto aprendizes. É desafiante, mas recompensador e até emocionante, ver os pequeninos a reproduzir uma melodia dum *standard*, fazer um solo sobre um *blues*, e ver o resultado dos ensaios semanais concretizado num arranjo tocado de uma ponta à outra, de memória, com fluência e naturalidade. Grandes!  
É vital para o futuro do jazz, da música, de toda a arte, que apareçam

alunos tão novos, com entusiasmo e energia para aprender esta e outras músicas. São potenciais músicos profissionais, e muito importante, futuro público! Precisamos muito. Apreciadores de boa música. Temos um papel fundamental em entusiasma-los e mostrar que o jazz é um tipo de música que pode chegar às pessoas. Basta que não seja tocada apenas para quem está em palco. Mas isso é pau para outra canoa.

Temos ideias e vontade em fazer coisas maiores para 2018. E vão acontecer!  
Com os pequeninos e os mais crescidos.

Aguardem!

**ERAM OS MAIS NOVOS  
MAS TAMBÉM OS MAIS  
DESTEMIDOS. NESTA IDADE  
AINDA NÃO ACUSAM PRESSÃO  
OU RESPONSABILIDADE,  
APENAS ENTUSIASMO.**

# PARTIDA, LARGADA, FUGIDA

## 2 PERGUNTAS A CAMILA REIS



© JOÃO HASSELBERG

### I. TEM O JAZZ PORTUGUÊS QUALIDADE E EXPRESSÃO PARA SE AFIRMAR NO ESTRANGEIRO?

Penso que podemos olhar e trabalhar a questão da internacionalização desta expressão artística assumindo que não há propriamente uma identidade unificada do “Jazz português”, uma vez que nele se inscreve, felizmente, um leque cada vez mais variado de estéticas e de linguagens estilísticas do que é feito em Portugal. Um artista ou projecto de Jazz (ou qualquer outro artista/projecto artístico) caminha para uma maior disseminação quanto mais capacidades ou vontade tiver de encontrar a sua própria identidade. Isto é, quanto mais se diferenciar dos restantes projectos e linguagens artísticas. Por “restantes projectos e linguagens” podemos estar apenas a considerar os nacionais/locais, sabendo que nesse caso as expectativas de internacionalização deverão ser, à partida, mais reduzidas. No entanto, se a internacionalização for de facto um objectivo para o artista ou para o projecto em questão, deverá sempre ser levado em conta de que a competição é, então, necessariamente global e que por isso os seus elementos diferenciadores serão inevitavelmente outros.

Estou certa de que cada um de nós, enquanto pessoas, se diferencia necessariamente de um “outro” e acredito que as manifestações artísticas têm a capacidade de traduzir essas irrepetíveis características que todos temos num objecto ou através de uma forma estética que comunica uma mensagem ou que se constitui como a mensagem em si. Nessa medida, os elementos diferenciadores que estão em cada um de nós devem ser conduzidos e posicionados de acordo com as suas características e considerando o meio que os vai receber.

### II. O QUE DEVEM FAZER AS INSTITUIÇÕES CULTURAIS PARA DIVULGAR O JAZZ PORTUGUÊS FORA DAS NOSSAS FRONTEIRAS?

Mais do que apoio financeiro é preciso lembrar que se pode colaborar na divulgação da música e dos projectos artísticos de múltiplas formas. Pode estar ao alcance das nossas instituições culturais a construção ou manutenção de qualquer estrutura que

ajude a criar uma rede de contactos mais forte, por exemplo, uma maior proximidade aos *media* e aos espaços de acolhimento de concertos no estrangeiro.

Nesta mesma rúbrica da HotNews, em Maio do ano passado, o Luís Hilário propõe a criação de uma entidade ou de um departamento dedicado a este género musical e que pudesse dar apoio aos projectos nacionais e à sua internacionalização. Creio que se começam a verificar acções neste sentido. Isto é importante, sobretudo se considerarmos que um futuro mais sustentável implicará sempre uma união de forças entre todos, um grupo cada vez mais diversificado de ferramentas, capacidades e visões que trabalham para resultados e retorno comuns.

No que respeita ao que cada artista ou ao que a sua equipa de trabalho (agenciamento, promoção etc.) pode fazer é perceber quais são as características gerais que identificam o projecto, com que pessoas pode estar a comunicar, mais ou menos directamente; quais poderão ser os hábitos dessas pessoas com quem sentimos que se está a comunicar mais facilmente; quais os objectivos da carreira artística em causa e, no caso de incluir a internacionalização, quais poderão ser os países e circuitos destas pessoas para quem se acredita comunicar. No fundo, trata-se de direccionar as acções de promoção para algo concreto e assim rentabilizar os esforços humanos, físicos, financeiros.

O Jazz tem a vantagem e a desvantagem de ser rapidamente catalogado e inserido em circuitos com o mesmo rótulo, um dos desafios é tirar o melhor proveito dessa leitura, ao mesmo tempo que tentamos não nos deixar vincular exclusivamente por ela. Em suma, trata-se de trabalhar com os horizontes de expectativa de quem recebe a música — imprensa, programadores, outros pares, ouvintes, espectadores — convidando a elevar sempre, e cada vez mais, este olhar expectante, que julga estar num lugar que já conhece como seu e que é finalmente surpreendido com algo que nunca pensou conhecer.

*CAMILA REIS é agente, produtora e artista visual. Depois de mais de quatro anos como Assistente de Produção no Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, fundou, no final de 2015, a Unique Booking — entidade independente exclusivamente dedicada ao Jazz e Música Improvisada. Vinda de uma formação académica artística (foi aluna da escola secundária artística António Arroio e da Faculdade de Belas Artes de Lisboa) nunca deixou de articular a sua actividade profissional no sector do espectáculo e das actividades culturais com a ilustração e o trabalho gráfico que têm estado igualmente ligados à música sob a forma de capas de discos, vídeos musicais ou projecção para espectáculo.*

[www.camilabeiraodosreis.pt/vu/](http://www.camilabeiraodosreis.pt/vu/) / [www.uniquebooking.eu](http://www.uniquebooking.eu)

# ÚLTIMAS PALAVRAS SEM MÚSICA II

## JORGE REIS

por Paulo Gil

... COMO O DESENVOLVIMENTO DA CRIATIVIDADE CONDUZ À DEFINIÇÃO DO CARÁCTER...

O Jorge Reis deixou-nos mais pobres, com a sua partida no Outono de 2014. Estive com ele em algumas das últimas noites em que visitou o HCP, na Praça da Alegria, deambulando por entre as mesas, no corredor ou no jardim das traseiras, falando com uns e com outros sobre os assuntos mais diversos e disparatados. Desde que nos conhecemos, há décadas, que sempre me tratou por “*Managér*”— isso mesmo, com acentuação na última sílaba —, recusando ao longo dos anos o *Manager* (acentuado na primeira vogal) ou *Manager* (acentuado na segunda vogal). Julgo que, para ele, a acentuação na última vogal teria um significado mágico... Chamou-me sábio várias vezes “*porque a diferença de idades entre nós os dois a isso conduz, a uma sabedoria mais profunda das coisas*”. Nessas noites no HCP estranhei um pouco o seu comportamento extra musical. Fiquei com a sensação de que Jorge Reis não conseguia disfarçar ou evitar uma certa agressividade, até para com músicos e amigos de quem gostava, aos quais se dirigia usando e abusando de palavrões.

A vida tem, muitas vezes, destas coisas: um amigo meu e excelente médico cardiologista, que há anos acompanha a minha hipertensão, foi responsável, no Hospital Pulido Valente, tanto quanto sei, pelo cateterismo recomendado clinicamente a Jorge Reis. Até nesse aspecto Jorge foi um músico original: a aorta tinha então lixo e obstruções a dar com um pau... É curioso, só recentemente tomei conhecimento que a Ana (nossa grande amiga) tinha sido responsável por convencer Jorge Reis a fazer aquela cirurgia vascular. Ela falou-me das queixas frequentes do Jorge que, dizia ele, sentia todos os dias uma espécie de azia no estômago com dores difíceis de suportar. Assim, Jorge Reis, que estava a considerar consultar um gastroenterologista, acabou por ser visto por um cardiologista. Poucos dias depois desse cateterismo, o médico telefonou-me a fazer uma sugestão, uma vez que na primeira consulta do Jorge, o jazz e o meu nome tinham vindo à baila. E disse-me “*fala com ele e tenta convencê-lo a reduzir ao mínimo as bebidas alcoólicas e o tabaco... se quiser viver mais uns anos*”.

Na última noite em que o Jorge Reis e eu estivemos juntos, no HCP, conversámos mais de uma hora no jardim da Praça da Alegria, junto do busto de Alfredo Keil. Foi uma conversa impressionante, sobre tudo e sobre nada... Falou-se de Música — composição, interpretação e criação — da capacidade do músico inventar e reinventar, dos

novos nomes e dos mais antigos no nosso meio jazzístico, nas outras formas de arte ligadas ao jazz e na sua prática, como a pintura, no caso do contrabaixista Carlos Barretto, do baterista Daniel Humair ou do trompetista Miles Davis, na forma como o desenvolvimento da criatividade conduz à definição do carácter do músico de jazz e, de súbito, no meio desta longa conversa, Jorge Reis “dispara” : “*Lamento muito nunca ter tido oportunidade de te ouvir (de te ver) sentado à bateria, particularmente numa noite de imaginação e magia, como deveres ter vivido dezenas e dezenas de vezes, querido Managér. Ouvi dizer que eras um portento... muito inspirado e atirado para a frente, quer com baquetas quer com vassouras. Explica-me, Managér, como é que um músico com tais características, com tanta energia e conhecimento do seu instrumento, um Escorpião com ascendente de Escorpião, decide parar de tocar terminando a sua vida musical como baterista de um dia para o outro? Foste tu mesmo quem me descreveu essa encruzilhada da tua vida...*” Ao que respondi: “*Como é possível que sejamos amigos há décadas e só hoje me fales disso...*” E Jorge Reis termina essa parte da conversa com “*Pois é, penso que em breve irás perceber porquê*”.

Na tentativa de abordar de forma mais ligeira o nosso diálogo, comecei a falar do seu estado de saúde, do tabaco e da bebida em demasia que, de modo nenhum podiam contribuir para manter as artérias desobstruídas e o seu coração sem sobrecargas desnecessárias. Diz-me ele: “*Numa altura da minha vida em que pouca gente me convida, enquanto músico, para concertos, para tocar, com excepção do Luís Cunha no contexto da Orquestra do HCP, e em que me sinto particularmente só, quase sempre isolado, triste e nada entusiasmado com o meu dia-a-dia, resolvi ter sempre a mala pronta para o que der e vier. Sabes, Managér, acho que já fiz a minha parte ao longo dos anos, agora que venham outros e façam a parte deles*”.

Fiquei, até hoje, com a sensação de não ter feito o suficiente para alterar a tua forma de pensar, se é que tal seria possível. “*Ter a mala pronta para o que der e vier*” deixou-me surpreendido, um bocado confuso. Boa noite Amigo Jorge Reis. E agora como fazer, uma vez que nunca mais será possível ouvir-te dizer “*Boa noite, Managér*” (acentuado na última sílaba), como só tu sabias pronunciar...

# QUE AMPLIFICADOR DE GUITARRA ESCOLHER?

## SOM DE VÁLVULAS, TRANSÍSTORES OU DIRECTO?

por **André Prista** [TÉCNICO DE SOM E MÚSICO / GESTOR PEDAGÓGICO DAS ÁREAS DE SOM E MÚSICA NA ETIC]

Na minha área, convivo com centenas de métodos, ideologias, aparelhos e opiniões distintas sobre o assunto “em cima da mesa”.

Formado em Som e músico, desde sempre, acabo por estar ligado ao ensino e à gestão do mesmo, sendo responsável por uma média de 10 novas turmas desta área, por ano letivo. Somado ao trabalho de estúdio e de músico, são muitas cabeças novas todos os anos que falam comigo, partilham experiências e, de certa forma, me obrigam a estar altamente atualizado e em constante pesquisa.

De facto, foi sempre uma batalha para mim perceber quais as melhores técnicas de guitarra e quais as melhores formas de tocar para ter um som mais pessoal e perfeito... até àquele dia verídico em que entrei num estúdio de som profissional pela primeira vez e, depois dos primeiros *takes*, o técnico residente me disse: — *E se experimentássemos usar um amplificador diferente (a válvulas) para o ritmo?* Na altura, torci muito o nariz, tinha perto de 17 anos, estava maravilhado com o estúdio de som, pela primeira vez a gravar seriamente para um trabalho profissional e, no momento onde o meu imaginário se tornava real, foi algo que me veio “chatear”. A verdade é que as horas a fio a praticar e a ensaiar “naquele” material e o esforço financeiro para ter “aquela” guitarra e “aquele” amplificador... de repente, pareciam que tinham sido em vão.

Em suma, arranjámos um compromisso e, no final, o resultado foi de longe o melhor. Só mais tarde percebi que, não pelo amplificador, mas pela música, e pela forma como o iria usar. A escolha de amplificador que tinha na altura (dadas as circunstâncias da vida) era boa, mas não a ideal para satisfazer a minha arte em pleno.

Se nos alhearmos da qualidade do músico e do poder monetário, já que são assuntos que dariam “pano para mangas”, o facto é que, quando entramos em estúdio, a escolha do amplificador para determinada guitarra depende 100% do que vamos para lá fazer. Se vamos gravar *Blues* precisamos de determinadas características, se vamos gravar *Jazz*, precisamos de outras mas, em comum, temos a tipologia do som: queremos mais analógico? Queremos mais digital? Usamos o nosso amplificador? Alugamos um? Pedimos emprestado? Nem preciso de ir mais longe na distinção dos géneros musicais como o *Heavy Metal* ou o *Hard Rock*, uma vez que entrariámos na mesma saga de decisões e escolhas.

Pela minha experiência, consegui, ao longo dos anos, uma série de “fenómenos” incríveis com os dois tipos de amplificadores (válvulas e transístores) como músico, mas, principalmente, como técnico. Sem entrar em linguagens demasiado rebuscadas ou no lado demasiado técnico pormenorizado (onde foi captado, em que condições, com que pré-amplificadores, que microfones, etc...), o sentimento que consigo tirar de amplificadores valvulados é, no seu todo, superior. Quando ouvimos, sentimos que faz um efeito de difração de som, parece que o som contorna qualquer obstáculo e entra no ouvido de uma forma muito mais pura. Dá uma sensação de estar muito mais ligado à banda, aos sons que rodeia, à obra musical e, por outro lado, o som encarrega-se de ser muito distinto, audível, particular, sai onde tem de sair, parece que sabe onde tem de estar, com uma dinâmica muito coerente e sentida pela linguagem musical do guitarrista.

Ultimamente, tenho gravado bastantes discos e artistas que optam não só por ignorar as válvulas como, inclusive, a captação do amplificador, fazendo uma gravação direta da guitarra para a placa de som que, por sua vez, passa no simulador de amplificador e, então, nos chega ao DAW escolhido. Temos muito mais opções, é tudo muito mais simples, não se perde tempo, em última análise, nem precisamos de ir a um estúdio profissional para a “captação” da guitarra. Na verdade, esta técnica tem

cada vez mais o meu apreço, as simulações de amplificação estão cada vez mais reais, embora ainda não tenham aquele detalhe de uma excelente captação, num espaço físico propício, de um excelente amplificador por um excelente guitarrista.

Tive a oportunidade de trabalhar com amigos em estúdio, que me disponibilizaram o seu tempo para fazermos a experiência num tema, e a diferença com a guitarra captada em amplificador a válvulas para o simulador do mesmo amplificador foi muito notória na mistura da música, mas não tanto assim a solo. E, aqui, isto torna-se confuso: quando fazemos uma comparação da mesma malha em solo, a percepção sonora, tendo em conta o trabalho que dá ter disponível determinado amplificador, ir para estúdio e o tempo para fazer uma boa captação, não compensa. Agora, quando largamos o botão solo do nosso programa de áudio e deixamos a guitarra fluir entre os vários instrumentos da mistura de uma música, faz muita diferença. Quando falo de vários instrumentos, basta ser a guitarra e uma voz, por exemplo. Ou seja, em comparação A/B a solo das duas vias da guitarra (a de válvulas e a direta), não há grande distinção; agora, colocando mais um instrumento acústico, tudo muda de figura — uma música não é feita de comparações, mas, sim, de sensações.

Um jovem músico ou técnico de som, ainda em fase de estudo, pode não distinguir as diferenças e, no mix final de uma música cheia de efeitos de guitarra e fontes sonoras, talvez não se perceba, mas existe diferença se o som da guitarra for relevante para o tema musical e, certamente, existirá, se tiver destaque solo ou de único acompanhamento a outro instrumento, como a voz. Vamos sentir outra acústica, outro corpo, outra saturação (analógica, neste caso). Há pouco tempo, estive em estúdio com uma banda de topo no panorama nacional, que passa muito tempo fora do país, e as guitarras ao vivo são tocadas através de simuladores (por motivos logísticos). Já no estúdio, vamos buscar à origem, porque existe diferença, e são captados os amplificadores a válvulas. Muitos não a percebem, mas não é preciso ser purista do som para chegar lá. Na realidade, o que importa é que soe bem e o senso comum não está preocupado com estes pormenores, só que, numa obra que será imortalizada e ouvida por milhares de pessoas em qualquer ano, qualquer altura, qualquer tipo de aparelhagem, convém ter algum cuidado, pois faz a diferença.

Para terminar, o “quente” que se fala é real, mas creio que é dos detalhes e pormenores que vive o som de um bom amplificador a válvulas. Agora, o que é “bom”? Na realidade, é uma palavra muito complicada de se usar em frases como: “o que é o bom som” ou “este músico é muito bom”. Entramos num limbo de ideologias, formas de pensar, gostos, etc... Por exemplo, será o Joe Satriani melhor guitarrista que o Steve Vai? Então, mas se existem tantos guitarristas que conseguem tocar as músicas dos dois, serão eles melhores ainda? Este género de questões faz uma analogia perfeita que me permite fortificar: é dos detalhes e personalidade que vive a diferença sonora dos amplificadores a válvulas e das escolhas musicais que se fazem as diferenças para um resultado final. De músico para músico, de gosto para gosto, de género musical para género musical, no fim de contas, o que importa é o *feeling*, o sentimento que a música nos oferece e que nos transporta.

Desta forma, o meu conselho passa por fazerem as escolhas sempre pelo que sentem musicalmente e nunca pelo que vêem outros usar. Não pensem que o valor monetário deste género de objetos é o principal ingrediente, aquele amplificador ou aquela guitarra que vos faz fechar os olhos quando dá determinada nota ou determinado *bending*... é o certo, e nada mais conta.

# OJÇAM LÁ ISTO

## AS ESCOLHAS DE...

Demian Cabaud

### 1. MILES DAVIS LIVE AT THE PLUGGED NICKEL

Estes discos marcaram-me muito pelo som e interação da banda, o sentido de direcção musical, a exploração e a personalidade vincada de cada um dos elementos e a inteligência com que gerem a energia e constroem os solos.

### 2. BILL EVANS PORTRAIT IN JAZZ

O conceito do contrabaixo neste trio foi o que mais me marcou, a liberdade e o equilíbrio entre acompanhar e ter uma abordagem mais melódica e solística. A música toma outra profundidade e outra dimensão quando o baixo não segura constantemente a harmonia. Marcante é também a articulação e o som do Evans.

### 3. OSCAR PETERSON WE GET REQUESTS

Neste disco, como em muitos outros deste trio, o baixo e a bateria estão mesmo colados com um *swing* incrível. Ray Brown e Oscar Peterson a tocar à frente do *beat* e o Ed Thigpen a segurar a coisa... o equilíbrio perfeito. Os recursos do Peterson são infundáveis.

### 4. JIM HALL LIVE

O som do trio é único e ainda hoje, moderno. A interação entre eles e a abordagem descomprometida faz com que soe sempre fresco. O desenvolvimento motivico do Jim Hall nos solos é de uma profundidade incrível, e o conceito de tensão e resolução no acompanhamento da secção rítmica também.

### 5. PAUL BLEY FOOTLOOSE!

As composições super originais e a abordagem do trio é única e marcou-me muito. Paul Bley no seu ponto mais alto, harmónica e melodicamente, Swallow no contrabaixo esta com alto som e ideias muito originais, LaRoca muito criativo e fresco. Outro trio que ainda hoje soa moderno.

### 6. KENNY BARRON & CHARLIE HADEN NIGHT AND THE CITY

É um disco íntimo, num formato desafiante, o som e o lirismo do Haden, tanto nos solos como no *comping* é cativante. A consciência, simplicidade e honestidade em cada nota é sempre inspirador para mim, não ha gorduras, 100% saudável. O *swing*, as ideias e o som do Barron são muito atraentes.

### 7. JOHN COLTRANE FIRST MEDITATIONS

Sempre me chamou a atenção o grande quarteto do Coltrane, cada elemento me influenciou de alguma maneira ou de outra. Os temas são lindos e, neste disco, profundo e espiritual, pode-se ouvir a intensidade dos solos do Coltrane nos últimos dois anos da sua vida, a tocar dentro e fora das harmonias e a criar momentos únicos de dramatismo. Elvin Jones com o seu *feel* único, McCoy a acompanhar sempre com essa energia, e a âncora do grupo Garrison, com esse som profundo e obscuro, as semínimas dele são gigantes e, para mim, é a cola que faz com que o grupo soe coeso.

### 8. MASABUMI KIKUCHI SUNRISE

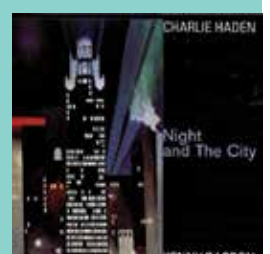
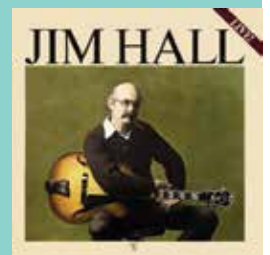
O som e a articulação do Masabumi são muito originais e únicos, as ideias melódicas e o conceito de espaço são cativantes para mim. O trio tem uma linguagem própria, com uma maneira de interagir muito pessoal. Cada um deles inspirador no seu discurso e único...

### 9. CANNONBALL ADDERLEY QUINTET LIVE IN SAN FRANCISCO

*Swing*. A secção rítmica perfeita para mim, Sam Jones e Louis Hayes tocam no mesmo sítio do *beat*, nem atrás nem à frente, no meio e sem tensão, o conceito do *groove* à sério... Os temas são altamente e os solistas também. Cannonball com o seu tempo incrível e o seu discurso bem assente na tradição. Gosto da interação entre os sopros e da maneira como tocam juntos, como um timbra o som do outro.

### 10. KEITH JARRETT TRIO ALWAYS LET ME GO

Adoro como o trio aborda a improvisação livre, o lirismo do Peacock, a criatividade do Jarrett e as orquestrações do DeJohnette. Gosto de como tomam tempo para desenvolver as ideias e os timbres.



# POST-IT

## MEMÓRIAS DO HCP

Por Inês Cunha



**La musique de jazz, c'est comme les bananes, ça se consomme sur place.**

Jean Paul Sartre, em Jazz 47 America

**A Association Francaise de Gramophilie publicou em 1947 um número especial da revista America, que pretendia “jeter les bases fondamentales de l’histoire, de l’esthétique e de l’évolution de cette forme musicale nouvelle, avec toute l’objectivité désirable.”**

**Esta edição reuniu contributos de grandes intelectuais, músicos, escritores e ilustradores da cena cultural francesa da época.**

**Textos de Jean Paul Sartre, Jean Cocteau, Boris Vian, André Hodeir, Charles Dealunay, etc., tornam esta revista um das peças mais interessantes da colecção de publicações periódicas do Hot Clube.**

**A ilustração da capa é de Charles Delaunay, e no interior encontram-se trabalhos de Fernand Léger e Labisse, ambos reconhecidos artistas da época.**



ESCOLA  
DE JAZZ  
LUIZ VILLAS-BOAS

---

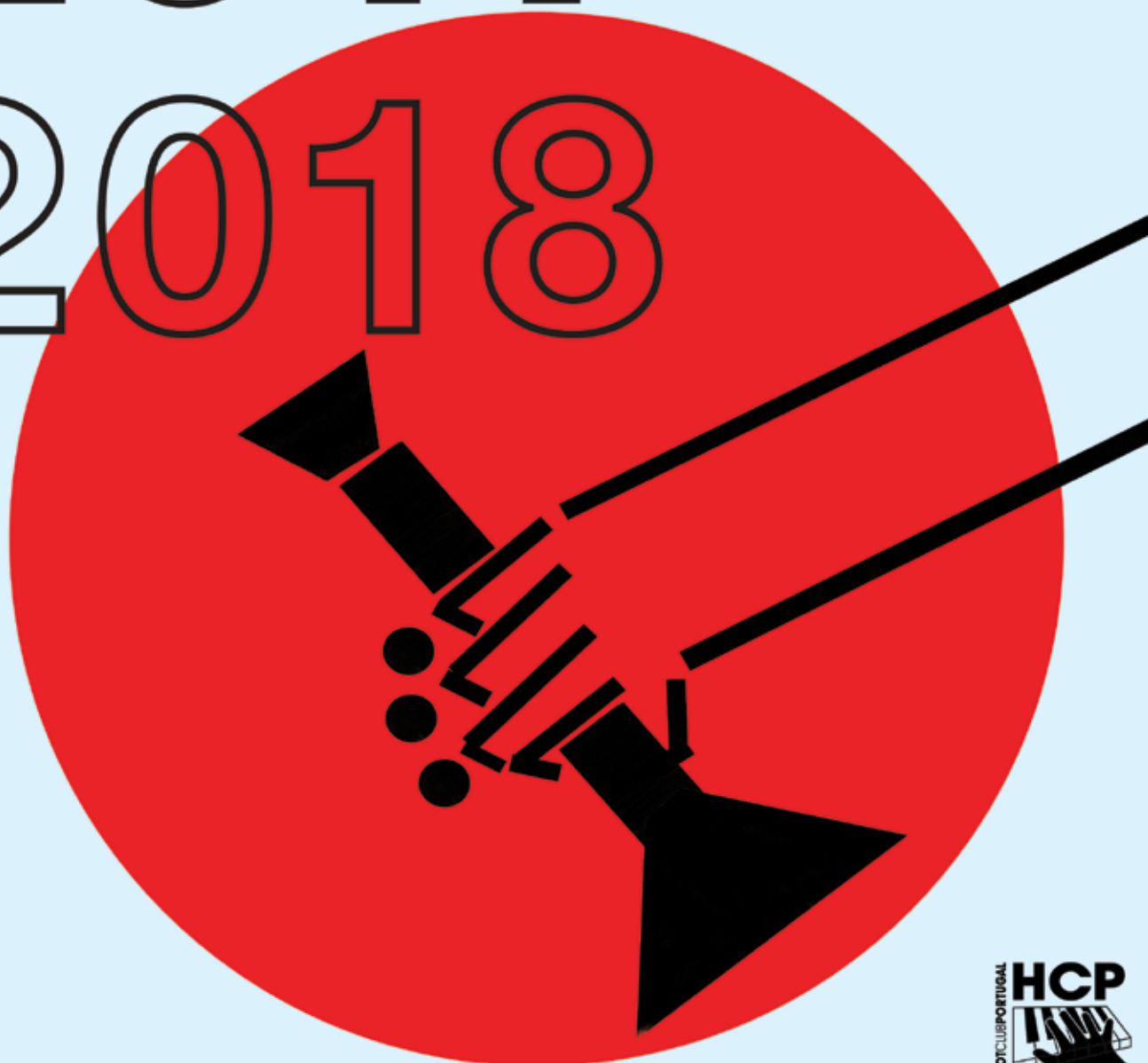
ESCOLA DE JAZZ  
LUIZ VILLAS-BOAS



ano lectivo

2017

2018



HOTCLUBPORTUGAL  
HCP

